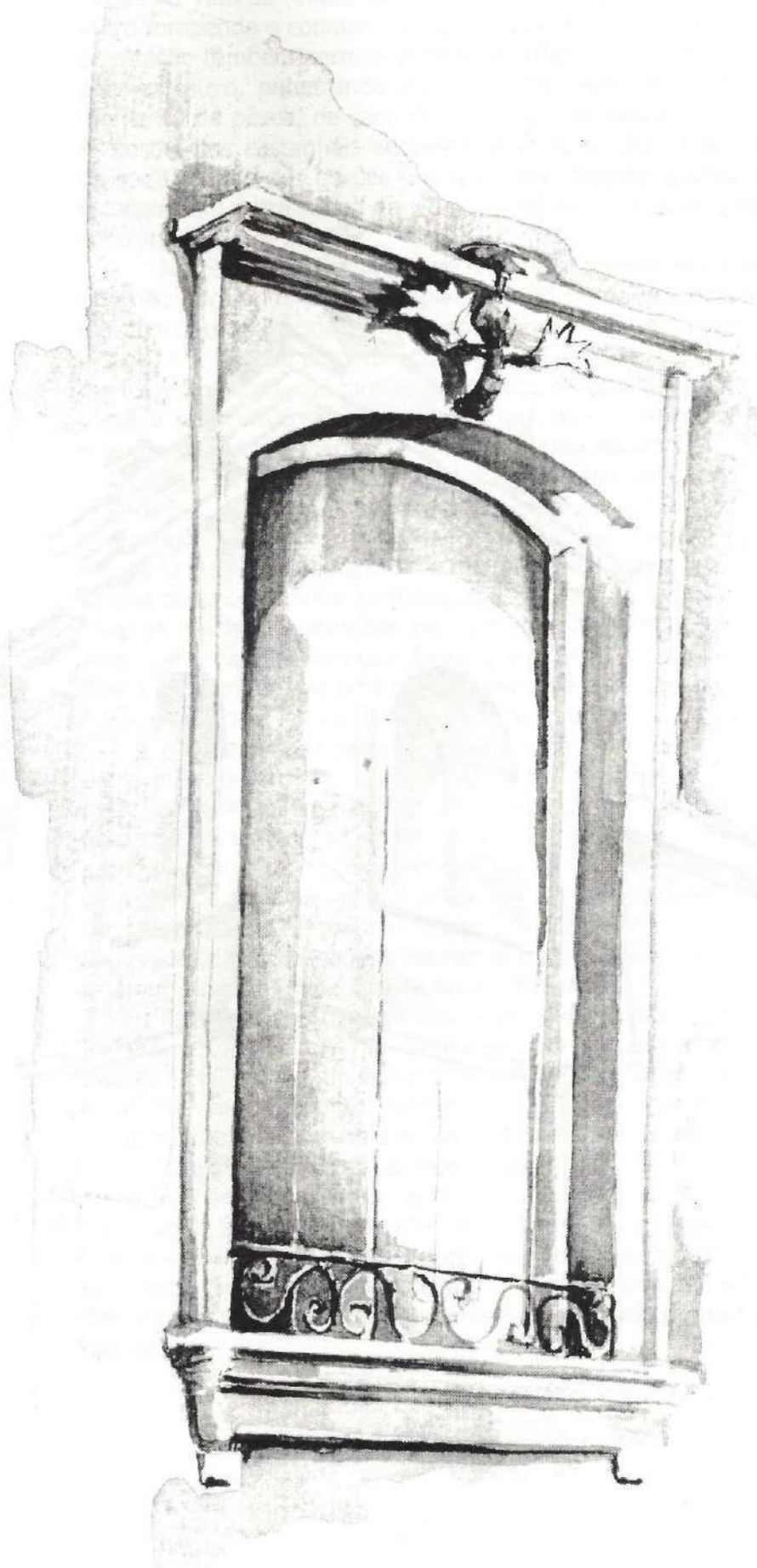




João Gonçalves

Comentário ao texto "*Contos amazônicos: realismo e mágico-maravilhoso inglesianos*".

Sílvio Holanda

Doutor em Letras. Professor da Universidade Federal do Pará - UFPA

O trabalho aqui apresentado de Lauro Figueira vem somar-se a uma série de pesquisas acadêmicas recentes no estado do Pará que vêm buscando arrebatar a nossa produção literária da historiografia tradicional e, ao mesmo tempo, contribuindo para uma divulgação maior da prosa literária produzida na Amazônia. As referidas pesquisas se têm valido de variado aparato metodológico e teórico, desde o estruturalismo greimasiano até a poética bachelardiana, apenas para citar alguns exemplos.

Surgida a partir de uma temática atinente ao conto e à memória e por motivações de caráter pessoal, "*Contos amazônicos: realismo e mágico-maravilhoso inglesianos*" é, antes de tudo, um convite à leitura do autor obidense falecido em 1918. Dado o contexto literário do autor, deve salientar-se a relação entre uma estética naturalista à Emile Zola e o espaço amazônico quase sempre descrito segundo uma retórica da hipérbole. Se o espaço já é, *per si*, determinante, o que pensar de um macroespaço onde tudo é profuso, avassalador, inabarcável? Penso, assim, que o principal problema crítico posto pela comunicação do Prof. Lauro é o de conciliar uma orientação de leitura voltada para o fantástico e o realismo maravilhoso com a submissão ao factual observável postulado pela estética naturalista a que se vinculou Inglês de Sousa. Treze anos antes da publicação dos *Contos Amazônicos*, diz-nos, em *O romance experimental*, Zola:

"Nós, os escritores naturalistas, submetemos cada fato à observação e à experiência; enquanto que os escritores idealistas admitem influências misteriosas que escapam à análise, e permanecem por isso no desconhecido, fora das leis da natureza. Esta questão do ideal, cientificamente, reduz-se à questão do indeterminado e do determinado. Tudo o que não sabemos, tudo o que nos escapa ainda, é o ideal; e o alvo de nosso esforço humano é reduzir dia a dia o ideal, conquistar a verdade ao desconhecido. Somos todos idealistas, se se entende com isso que nos ocupamos com o ideal. Mas, chamo idealistas àqueles que se refugiam no desconhecido pelo prazer de nele estar [...]"¹

Segundo o texto aqui lido, há "ao lado do afã objetivista dos realistas-naturalistas, o *insólito* na escritura de Inglês de Sousa", remetendo esse insólito a duas possibilidades de leituras críticas: à perspectiva do *fantástico* e à do *realismo maravilhoso*. Houve um recorte temático: os poderes da Cobra Grande ou Mãe D'água e os do pássaro acauã.

Inglês de Sousa *reinventa* — afirma o Prof. — *poeticamente um acervo coletivo*. Dada a recepção atual do autor, justifica-se a apresentação de um resumo do enredo do conto "Acauã", às páginas 11-12. Ressalto o seguinte trecho desse item: "É preciso informar que as análises realizadas acerca do "Acauã" sob o enfoque do realismo maravilhoso



¹ ZOLA, Emile.
O Romance Experimental. Trad. de Italo Caroni e Célia Berretini. São Paulo, Perspectiva, 1982. p. 60-1.

¹ ZOLA, Emile.
O Romance Experimental. São Paulo, Perspectiva, 1982. p. 32.

também valem para as seguintes narrativas da coletânea *Contos amazônicos*: "A feiticeira", "O baile do judeu", "O gado do Valha-me-Deus" e "Amor de Maria". São todas histórias em que se mesclam o cotidiano e os fenômenos não explicados pelas leis da razão, conformando uma realidade *inusitada*." (p. 12)

No que se refere ao desenvolvimento do trabalho, postos os objetivos já mencionados, o Prof. postula, com base em Irlemar Chiami, Leonardo Padura e Carpentier, que o conto "Acauã" é uma obra que expressa características do realismo maravilhoso. Há ainda referências a Gaston Bachelard. Assim, entre uma obra como *L'eau et les rêves* e obra inglesiana haveria aproximação, em função sobretudo da "imaginação material nas cosmogonias imaginárias". A par de Bachelard, recorreu-se a pesquisas do professor João de Jesus Paes Loureiro sobre a cultura amazônica. "Os estudos de ambos coincidem em vários pontos, como na descrição da força da imaginação poética levada a cabo pelo indivíduo que contempla a natureza que constrói uma realidade exótica ao senso comum regida pelas leis de causa e efeito naturais."

Marcado pelo devaneio [*revêrie*] e pelo insólito, o universo teórico, assim apresentado, faz ressaltar a idéia de que Inglês de Sousa reinventa um acervo coletivo vinculado, por exemplo, à Cobra Grande, como bem o demonstra o recurso a outras narrativas registradas nos livros *Santarém Conta...* (1995) e *Belém Conta...* (1996). Utilizou-se também uma narrativa coletada em Óbidos. A estética naturalista, a que se liga Inglês de Sousa, fundada na verdade observável, propugnada por Emile Zola em diversos escritos, rejeita essa orientação para o imaginário: "É inegável que o romance naturalista, tal qual o concebemos agora, é uma experiência verdadeira que o romancista faz com o homem, apoiando-se na observação."¹ Cria-se, assim, um espaço de tensões no seio mesmo do texto inglesiano, em que a orientação iluminista do racionalismo naturalista conflitua com as sugestões poéticas oriundas da narrativa oral, sendo esta portadora de um discurso capaz de relativizar as certezas e os fundamentos da ciência moderna.

Com fundamentação em Tzvetan Todorov, Irène Bessière, Louis Vax e Chiami, traçam-se sinteticamente, agora, limites entre o fantástico e o realismo maravilhoso, além de ressaltar, em seguida, características comuns a ambos. Destaco duas considerações: "— De maneira geral, encontra-se nesses gêneros poéticos a contestação das leis racionais que direcionam as explicações para os fenômenos naturais, por isso relativizam os conceitos de (ir)real, de (in)verdade, de (in)verossímil. Entretanto possuem características que os definem particularmente" e "— Enquanto o **fantástico** resulta de uma ação interna do texto, abrindo-se para sua própria invenção, surgindo assim o arbitrário, para dar forma ao texto **realista maravilhoso**, o escritor procura concretizar uma ficção que reúna as mais variadas e contrastantes manifestações das atividades do homem latino-americano, inscrevendo num mesmo texto a história, a lenda, o mito que fazem parte do cotidiano desse homem." (p. 13)

Rejeitando uma visão dicotômica, enfatiza-se que "o narrador tem papel determinante na apresentação e condução dos acontecimentos, orientando para um estudo também do ponto de vista do fantástico. A enunciação desse conto é pontuada por uma linguagem que deixa os sentidos dos acontecimentos muito vagos." (p. 15)

No que se refere às seis conclusões do trabalho, estas reafirmam as vinculações entre memória, tradição e mito amazônicos em "Acauã", salientando o valor do texto inglesiano, quer pelos elementos estéticos, quer pela fixação de "valores vivenciais do homem latino-americano do Norte do Brasil".

"Os acontecimentos que dão vida ao insólito, no narrado, não resultam

da imaginação ou do sonho das personagens. São vivências integradas ao cotidiano." A segunda conclusão, assim formulada, se funda na postulação de uma convivência harmônica entre real e realidade imaginada. De fato, isso ocorre para os personagens do conto. Contudo, o trabalho crítico exige o questionamento dessa convivência, expondo as tensões latentes no texto. Lido rigidamente à luz da estética experimental de Zola ou da tríade de Taine (meio, momento e raça), o insólito inglesiano — elemento de inovação em relação a um rígido naturalismo de escola — poderia esfumar-se em documento da vida amazônica, registrando, não a valorização poética dos poderes do imaginário amazônico, a necessidade do homem amazônico, apartado dos valores supremos da ciência, de recorrer ao mítico e ao imaginário para explicar certos fenômenos vividos em seu cotidiano.

A comunicação termina com breves apreciações sobre a obra de Inglês de Sousa, em que se enfatiza novamente que o conto "Acauã" "preludia o realismo maravilhoso em nossas letras", antecedendo as pesquisas modernistas no campo dos mitos e das lendas amazônicas.

¹ ZOLA, Émile.
Le roman expérimental
Paris, Garnier-Flammarion, 1971.
373p. p. 84.

Anexo

"Notre querelle est là, avec les écrivains idéalistes. Ils partent toujours d'une source irrationnelle quelconque, telle qu'une révélation, une tradition ou une autorité conventionnelle. Comme Claude Bernard le déclare : « Il ne faut admettre rien d'occulte; il n'y a que des phénomènes et des conditions de phénomènes. » Nous, écrivains naturalistes, nous soumettons chaque fait à l'observation et à l'expérience; tandis que les écrivains idéalistes admettent des influences mystérieuses échappant à l'analyse, et restent dès lors dans l'inconnu, en dehors des lois de la nature. Cette question de l'idéal, scientifiquement, se réduit à la question de l'indéterminé et du déterminé. Tout ce que nous ne savons pas, tout ce qui nous échappe encore, c'est l'idéal, et le but de notre effort humain est chaque jour de réduire l'idéal, de conquérir la vérité sur l'inconnu. Nous sommes tous idéalistes, si l'on entend par-là que nous nous occupons tous de l'idéal. Seulement j'appelle idéalistes ceux qui se réfugient dans l'inconnu pour le plaisir d'y être, qui n'ont de goût que pour les hypothèses les plus risquées, qui dédaignent de les soumettre au contrôle de l'expérience, sous prétexte que la vérité est en eux et non dans les choses."¹

